



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II PARA A QUARESMA DE 1998

***Vinde, benditos de meu Pai,
porque era pobre, marginalizado, e Me acolhestes!***

1. Queridos Irmãos e Irmãs! A Quaresma coloca diante de nós, cada ano, o mistério de Cristo «levado pelo Espírito ao deserto» (Lc 4,1): com esta experiência singular, Jesus testemunhou a sua entrega total à vontade de Pai. A Igreja oferece aos fiéis este tempo litúrgico, para que se renovem interiormente pela Palavra de Deus e possam exprimir na vida o amor que Cristo infunde no coração de quem n'Ele acredita.

Preparando-se para o Grande Jubileu do 2000, a Igreja contempla, este ano, o mistério do Espírito Santo. Por Ele, se deixa guiar «ao deserto», para com Jesus experimentar a fragilidade da criatura, mas também a proximidade de Deus que salva. O profeta Oseias escreve: «É assim que a vou seduzir, conduzi-la-ei ao deserto para lhe falar ao coração» (Os 2,16). A Quaresma é, por conseguinte, um caminho de conversão no Espírito Santo, a fim de encontrar Deus na nossa vida. De facto, o deserto é lugar de aridez e de morte, sinónimo de solidão, mas também de dependência de Deus, de recolhimento e do essencial. Para o cristão, a experiência do deserto significa sentir, na própria carne, a sua pouquidão no confronto de Deus e tornar-se assim mais sensível à presença dos irmãos pobres.

2. Este ano, desejo propor à reflexão de todos os fiéis as palavras tomadas idealmente do Evangelho de Mateus: «Vinde, benditos de meu Pai, porque era pobre, marginalizado, e Me acolhestes!» (cf. Mt 25,34-36).

A pobreza possui diversos significados. O mais imediato é a carência de meios materiais suficientes. Esta pobreza, que para muitos dos nossos irmãos chega aos confins da miséria, constitui um escândalo. Assume múltiplas formas e traz consigo os mais variados fenómenos de sofrimento: a carência do sustento necessário e dos cuidados médicos indispensáveis; a falta de

uma casa onde habitar ou demasiado acanhada com consequentes situações de promiscuidade; a marginalização da sociedade, no caso dos mais débeis, e dos ciclos da produção para os desempregados; a solidão do que não tem ninguém com quem contar; a condição de fugitivo da própria pátria e de quem sofre a guerra ou as suas feridas; a desproporção nas retribuições salariais; a ausência de uma família com as graves consequências, como droga e violência, que daí derivam. A falta do necessário para viver humilha o homem: é um drama perante o qual a consciência de quem tem a possibilidade de intervir não pode ficar indiferente.

Existe ainda outra pobreza, igualmente grave: consiste na falta, não de meios materiais, mas de alimento espiritual, de resposta à questões essenciais, de esperança para a própria existência. Esta pobreza que toca o espírito provoca sofrimentos gravíssimos. Estão diante dos nossos olhos as consequências frequentemente trágicas de vidas vazias de sentido. Semelhante forma de miséria manifesta-se sobretudo nos ambientes onde o homem vive mergulhado no bem-estar, saciado materialmente mas espiritualmente privado de orientação. Confirma-se assim a palavra do Senhor, no deserto: «Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (*Mt 4,4*). No íntimo do seu coração, ele procura um sentido, pede amor.

A esta pobreza responde-se com o anúncio, testemunhado nos factos, do Evangelho que salva, que ilumina as trevas do sofrimento, porque comunica o amor e a misericórdia de Deus. Em última análise, é a fome de Deus que devora o homem: sem o conforto que d'Ele vem, o ser humano fica abandonado a si mesmo, carente porque privado da fonte de uma vida autêntica.

Desde sempre, a Igreja combate todas as formas de pobreza, porque é Mãe e se preocupa por que cada homem possa viver plenamente a sua dignidade de filho de Deus. O tempo da Quaresma é especialmente indicado para lembrar aos membros da Igreja este seu compromisso a favor dos irmãos.

3 A Sagrada Escritura contém incessantes apelos à solicitude pelo pobre, porque nele Se faz presente o próprio Deus: «O que dá ao pobre empresta ao Senhor, que lhe retribuirá o benefício» (*Prov 19,17*). A revelação do Novo Testamento ensina-nos a não desprezar o pobre, porque Cristo Se identifica com ele. Não podemos, nas sociedades opulentas e num mundo cada vez mais marcado por um materialismo prático que investe todos os âmbitos da existência, esquecer as palavras fortes com que Cristo admoesta os ricos (cf. *Mt 19, 23-24; Lc 6, 24-25; 16, 19-31*). E sobretudo não podemos esquecer que Ele mesmo «Se fez pobre» para nos «enriquecer pela pobreza» (*2 Cor 8, 9*).

O Filho de Deus «despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo; (...) humilhou-Se a Si mesmo feito obediente até à morte e morte de cruz» (*Fil 2, 7-8*). Esta sua assunção da realidade humana em todos os seus aspectos, incluindo a pobreza, o sofrimento e a morte, faz com que toda a pessoa se possa reencontrar em Cristo.

Fazendo-Se pobre, Ele quis identificar-Se com cada pobre. Por esse motivo, no juízo final, cujas palavras inspiraram o tema desta Mensagem, aparece Jesus a proclamar bem-aventurado aquele que reconheceu a sua imagem no indigente: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (*Mt 25,40*). Por isso, quem ama verdadeiramente a Deus, acolhe o pobre. Sabe que Deus assumiu esta condição, e fê-lo para ser plenamente solidário com os homens. O acolhimento do pobre é sinal da veracidade do amor que se tem por Cristo, como demonstra S. Francisco que beija o leproso, porque reconheceu nele Jesus sofredor.

4. Cada cristão sente-se chamado a partilhar a tribulação e apuro do outro, no qual o próprio Deus Se esconde. Mas a abertura às necessidades do irmão implica um acolhimento sincero, que só é possível numa disposição pessoal de pobreza em espírito. De facto, não existe só pobreza de sinal negativo. Há também uma pobreza que é abençoada por Deus. A esta, o Evangelho chama-a «bem-aventurada» (*Mt 5,3*). Graças a ela, o cristão reconhece que a sua salvação vem exclusivamente de Deus, e torna-se disponível para acolher e servir o irmão, considerando-o «superior a si mesmo» (cf. *Fil 2,3*). A atitude de pobreza espiritual é fruto do coração novo que Deus nos dá; e, no tempo quaresmal, tal fruto deve amadurecer por meio de comportamentos concretos, como o espírito de serviço, a disponibilidade para buscar o bem do outro, a vontade de comunhão com o irmão, o esforço em combater o orgulho que nos fecha ao nosso próximo.

Este clima de acolhimento torna-se tanto mais necessário por assistirmos, no nosso tempo, a diversas formas de rejeição do outro. Manifestam-se de maneira grave no problema dos milhões de refugiados e exilados, no fenómeno da intolerância racial mesmo para com pessoas cuja única «culpa» é a de procurar trabalho e melhores condições de vida fora da sua pátria, no medo de tudo o que é diverso e por isso visto como ameaça. A Palavra do Senhor adquire, assim, nova actualidade frente às necessidades de tantas pessoas que pedem uma casa, que lutam por um emprego, que reclamam educação para os seus filhos. O acolhimento que lhes é devido permanece um desafio para a comunidade cristã, que não pode deixar de sentir-se empenhada em fazer com que cada homem possa encontrar condições de vida condizentes com a sua dignidade de filho de Deus.

Exorto cada cristão, neste tempo quaresmal, a traduzir a sua conversão pessoal por um sinal concreto de amor a quem vive na necessidade, reconhecendo nele o rosto de Cristo que lhe repete, quase num tu a tu: «Era pobre, estava marginalizado... e tu Me acolheste».

5. Será também graças a esse empenho que, para muitas pessoas, se acenderá novamente a luz da esperança. Quando com Cristo a Igreja serve o homem necessitado, abre os corações para entreverem, para além do mal e do sofrimento, do pecado e da morte, uma nova esperança. De facto, os males que nos afligem, a vastidão dos problemas, o número imenso daqueles que sofrem representam uma fronteira humanamente intransponível. A Igreja oferece a sua ajuda, também material, para superar estas dificuldades, mas sabe que pode e deve dar muito mais:

aquilo que se espera dela é sobretudo uma palavra de esperança. Onde os meios materiais não são capazes de aliviar a miséria, por exemplo no caso de doenças do corpo ou do espírito, a Igreja anuncia ao pobre a esperança que vem de Cristo. Neste tempo de preparação para a Páscoa, quero repetir um tal anúncio. No ano que a Igreja, em sua preparação para o Jubileu do 2000, dedica à virtude da esperança, repito a todos os homens, mas especialmente a quem mais se sente pobre, só, doente, marginalizado, as palavras da Sequência Pascal: «Cristo, minha esperança, ressuscitou!»! Venceu o mal que constringe o homem ao embrutecimento, o pecado que lhe fecha o coração no egoísmo, o medo da morte que o ameaça.

No mistério da morte e da ressurreição de Cristo, entrevemos uma luz para todo o homem. A presente Mensagem quaresmal é um convite a abrir os olhos para a pobreza de tantos. Mas quer também indicar um caminho para encontrar na Páscoa aquele Cristo que, dando-*Se* em alimento, inspira aos nossos corações confiança e esperança. Espero, pois, que a Quaresma deste ano 1998 se torne uma ocasião para cada cristão se fazer pobre com o Filho de Deus, a fim de ser instrumento do seu amor ao serviço do irmão necessitado.

Vaticano, 9 de Setembro de 1997.

IOANNES PAULUS PP. II